

O trabalho de jornalistas em arranjos econômicos independentes: uma interpretação a partir dos rastros digitais

The work of journalists in independent economic arrangements: an interpretation from the digital tracks

El trabajo de periodistas en arreglos económicos independientes: una interpretación de las pistas digitales

Cláudia Nonato

Universidade de São Paulo | claudia.nonato@uol.com.br

Fernando Felício Pachi Filho

Faculdade Engenheiro Salvador Arena, Universidade de São Paulo | ffpachi@yahoo.com.br

Naiana Rodrigues da Silva

Universidade Federal do Ceará, Universidade de São Paulo | naianarodrigues@gmail.com

Submissão: 18 jan. 2022

Aceite: 20 mar. 2022

Resumo: A compreensão do trabalho realizado por jornalistas em arranjos econômicos alternativos e/ou independentes às corporações de mídia passa necessariamente por um questionamento acerca dos conteúdos produzidos para a mídia digital. Neste artigo, a partir de um arquivo constituído por meio da extração de dados disponíveis nos perfis desses arranjos na plataforma Facebook, via Netlytic, procuramos interpretar os rastros digitais capturados e organizados pelo software que correspondem ao período eleitoral de 2018. A partir dos referenciais teóricos-metodológicos da análise de discurso materialista, buscamos compreender as condições de produção do discurso desses arranjos e o que nos é dado a ler pelas ferramentas tecnológicas.

Palavras-chave: trabalho; arranjos econômicos independentes; jornalismo de plataforma; mídia digital; rastros digitais.

Abstract: Understanding the work conducted by journalists in economic arrangements independent of media corporations necessarily involves questioning the content produced for digital media. In this work, from a digital file constituted by extracting data available in the profiles on Facebook, via Netlytic, we seek to interpret the digital traces captured and organized by the software in the data collection carried out during the 2018 electoral period. From the theoretical-methodological references of materialist discourse analysis, we seek to understand the conditions of discourse production in these arrangements and what is given to us to read by the technological tools.

Keywords: work; independent economic arrangements; platform journalism; digital media; digital tracks.

Resumen: Comprender el trabajo que realizan los periodistas en arreglos económicos independientes de las corporaciones mediáticas pasa necesariamente por cuestionar los contenidos producidos para los medios digitales. En este trabajo, a partir de un archivo digital constituido a partir de la extracción de datos disponibles en los perfiles en Facebook, vía Netlytic, buscamos interpretar las huellas digitales capturadas y organizadas por el software en la recolección de datos realizada durante el período electoral 2018. A partir de los referentes teórico-metodológicos del análisis materialista del discurso, buscamos comprender las condiciones de producción del discurso en estos arreglos y lo que nos dan a leer las herramientas tecnológicas.

Palabras clave: trabajo; arreglos económicos independientes; periodismo del plataforma; medios digitales; pistas digitales.

Introdução

As plataformas digitais constituem uma base para o trabalho dos jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de grande mídia. São espaços por onde circulam os sentidos produzidos em reportagens, vídeos, fotos e links que configuram a materialidade discursiva do trabalho desses profissionais. Com objetivo de iniciar uma análise discursiva dos conteúdos de mídia digital elaborados por tais arranjos, no período que cobre o primeiro e o segundo turnos das eleições de 2018, construímos um arquivo digital a partir da captura de dados por meio do software Netlytic, que seleciona, extrai e categoriza informações em meio à intensa circulação discursiva que ocorre na internet. Os dados são assim quantificados e necessitam de interpretação. Neste artigo, a partir da análise do funcionamento das plataformas digitais e dos princípios teórico-metodológicos da análise de discurso materialista, questionamos as formas de leitura determinadas pelo software. Os rastros digitais e os dados quantificados, que apagam a circulação simbólica e os sujeitos dos discursos, devem ter sua opacidade restituída, de modo que os sentidos sejam compreendidos em seu funcionamento.

Ao longo do texto, apresentamos aspectos teóricos relativos à produção jornalística em plataformas digitais e, a partir do conceito de arquivo, no domínio da análise do discurso, procuramos mostrar os efeitos da leitura tecnológica proposta pela plataforma e a insuficiência da quantificação dos dados para a compreensão das relações de comunicação e trabalho. Em seguida, apresentamos o que os dados extraídos e classificados pelo software nos permitem dizer sobre a produção jornalística e a sensibilidade desses arranjos ao agendamento proposto no período eleitoral.

O movimento metodológico que apresentamos aqui foi definido durante o desenvolvimento da pesquisa *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia* (FIGARO, 2018), realizada entre os anos de 2017 e 2018 pelo pesquisadores do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP)¹. A investigação tinha como objetivo analisar o discurso jornalístico veiculado nos sites e nas redes sociais de 30 arranjos² de trabalho de jornalistas alternativos e/ou independentes às corporações de mídia. Para responder às perguntas da pesquisa, que questionavam se esses arranjos produziam jornalismo e qual jornalismo era esse, foram selecionadas produções publicadas nas semanas em que ocorreram o primeiro e o segundo turnos eleitorais de 2018³ (1º a 8 e 22 a 29 de outubro de 2018). Sendo assim, o que apresentamos neste artigo é um recorte metodológico e reflexivo que orientou a interpretação dos dados captados durante a pesquisa coletiva.

¹ O relatório completo da pesquisa está disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes_cpct/discurso-jornalistico-e-condicoes-de-producao-em-arranjos-economicos-alternativos-as-corporacoes-de-midia/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

² Neste artigo, trazemos dados de postagens publicadas apenas no Facebook. Foram considerados 27 arranjos, ou seja, somente daqueles que publicaram, em seus perfis, notícias sobre o processo eleitoral de 2018.

³ Em 2018, o primeiro e o segundo turno das eleições ocorreram nos dias 7 e 28 de outubro, respectivamente.

Arquivos digitais: análise e interpretação de sentidos

Para início da reflexão, é necessário, como explicam Guillaumou e Maldidier (2016), considerar a complexidade do fato arquivístico, sem tomar a materialidade do arquivo como evidência. Na perspectiva desses autores, que se assemelha à dos historiadores das mentalidades, o arquivo não é o reflexo passivo da realidade institucional; ele é organizado, em sua materialidade e diversidade, pelo campo social. Por isso mesmo, deve ser analisado levando-se em conta as formas de leitura e descrição impostas em sua organização e que determinam um modo de significação para o sujeito que busca interpretá-lo. Para esses autores, o funcionamento do arquivo é opaco, dado que em tal processo estão em jogo relações entre a linguagem, o discurso e a história. O arquivo tomado apenas na sua organização de acordo com regras diz pouco sobre o discurso que o sustenta. A partir de Foucault, Guillaumou e Maldidier (2016) explicam que o arquivo não é o conjunto de textos que uma sociedade deixou, mas um dispositivo que exhibe um sentido determinado e que introduz restrições na descrição do semantismo dos enunciados.

Neste sentido, como indica Pêcheux (1994), é necessário desfazer os efeitos de evidência que se constituem na leitura do arquivo. Para o autor, uma leitura uniforme do arquivo não leva em conta outros gestos de leitura possíveis. É, assim, pela leitura discursiva do arquivo que se pode conhecer os dispositivos e as configurações significantes ali presentes.

O ambiente das mídias digitais constitui um grande arquivo de documentos que abarcam questões variadas de ordem social, política e econômica por meio do qual os analistas buscam compreender os temas em voga que conformam o imaginário social. Romão (2005) explica que os documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão na internet são parte da prática organizativa da rede e compõem uma memória autorizada a circular. Em mídias como o Facebook, objeto de nossa pesquisa, esse arquivo se constrói em movimento a cada postagem e com atualização permanente a partir de várias vozes, cujas extensões e conexões são imprevisíveis. Desse modo, as postagens de textos, vídeos e links abrem a possibilidade de se produzir leituras e interpretações em diferentes posições. Esse espaço heterogêneo e múltiplo também está marcado pela desigualdade numa sociedade em que poderes e saberes não estão distribuídos de forma homogênea. Diante dessa complexidade, na constituição de sentidos nas mídias digitais em seu funcionamento reticular, é necessário questionar sobre as formas de leitura e interpretação dos documentos recortados desse imenso arquivo.

Temos na rede, assim, articulações imensas de arquivos, que podem ser inseridos, retirados, deslocados, adulterados e modificados conforme a relação de leitura e escrita estabelecidas pelo sujeito. Nesse contexto, Pêcheux (1994, p. 55) alerta para o fato de que a pesquisa multidisciplinar é indispensável para um acesso realmente fecundo à interpretação de dados que se acumulam. Segundo seu ponto de vista, o discursivo informaticamente marcado sob a forma de dados textuais não tem efetivamente a mesma relação nos procedimentos lógico-matemáticos que os dados de natureza quantitativa, utilizados em economia, demografia e história. Para o autor, é importante reconstruir a história desse sistema diferencial de gestos de leitura subjacentes na construção do arquivo, no acesso aos documentos, reconhecendo as evidências que organizam essas leituras e constituindo um espaço polissêmico de maneiras de ler.

Segundo Gallo, Schmitt e Souza (2007), apesar da aparente liberdade, a polissemia dos sentidos e as diversas maneiras de interpretar são limitadas pelo gesto de leitura tecnocientífica. Esse discurso é determinado duplamente: de um lado, pelas suas características e possibilidades/limites, e, de outro, pela característica própria da linguagem informatizada – digital. Os dois determinantes definem o recorte para o arquivo que “seleciona” os textos, compondo aquilo que constitui a memória. Como explica Pêcheux (1994), são duas culturas envolvidas no gesto de leitura do arquivo: a dos literatos e a dos cientistas, que criam os instrumentos e produzem lugares diferentes de produção de sentidos. Predomina hoje a leitura científica devido ao acúmulo de dados disponíveis. São esses instrumentos que constituem os aparelhos de poder e administram a memória coletiva.

O processo discursivo hoje demanda reflexão, segundo Orlandi (2012), pois diferentes formas materiais existem ao mesmo tempo, aumentando a complexidade de signos e de sentidos. A memória metálica, na expressão de Orlandi, produzida pelas tecnologias, se forma pela distribuição em série, pelo acúmulo, gerando efeito de quantidade, e não de historicidade. O circuito de significação, formado pela constituição, pela formulação e pela circulação, é afetado em momentos de ruptura que reorganizam o trabalho intelectual, a relação entre as pessoas e as práticas sociais, como se pode observar nos ambientes digitais.

Some-se a isso o fato de que volumes expressivos de dados e rastros de nossas ações são gerados, monitorados e tratados, o que constitui, como explica Bruno (2012), imensos arquivos de nossos modos de vida, que servem para vigilância, publicidade, entretenimento, serviços e para a própria pesquisa acadêmica, ou seja, seu valor se relaciona ao conhecimento que eles possibilitam. Os rastros são abordados como evidência de um ato ou característica dos indivíduos, sendo que a ambiguidade e a polissemia são desprezadas. Os algoritmos criados para monitoramento e tratamento dos rastros permitem a emergência de um saber sobre as quantidades de dados e das correlações entre eles, cuja objetividade seria garantida pelos próprios algoritmos.

Paveau (2014) explica que o tempo do digital é o do acesso e da circulação. Os arquivos, instáveis e mutáveis, são atualizados pelo acesso. Outras características, como a grande quantidade de arquivos e sua heterogeneidade, são aspectos que definem a complexidade para a análise desses materiais, por definição dispersos. Esse conjunto de aspectos impõem, segundo Dias (2015), um ritmo ao trabalho de leitura. Nesse contexto, a relação com o arquivo, mediada por uma questão de pesquisa – no nosso caso, compreender o processo discursivo dos arranjos econômicos alternativos e/ou independentes durante as eleições de 2018 –, é determinante para a compreensão da própria discursividade. Isso porque sua leitura, como aponta Dias (2015; 2018), é parte do momento de sua circulação, e a textualização é determinada pelo processo de atualização dos sentidos, ou seja, dos dados pela circulação em grande quantidade. Além disso, o digital também deve ser compreendido não apenas como forma de produção da tecnologia, mas como condição e meio de produção de formas de existência capitalista, constituídas historicamente e nas quais intervêm a política e a ideologia.

Desse modo, o arquivo informatizado é determinado pelo pré-construído do discurso científico da rede, e não dos discursos onde os textos disponibilizados são produzidos. Segundo Pêcheux (1994, p. 60), esse fato repercute diretamente sobre a relação de

nossa sociedade com sua própria memória e história, podendo haver risco de “uma normalização asséptica da leitura e do pensamento, e de um apagamento seletivo da memória histórica”. Já no século XX, impõe-se a necessidade de gestão administrativa dos documentos textuais, fato que se junta à construção de línguas lógicas artificiais. Esse trabalho se reorganiza na contemporaneidade porque não é mais possível ler sem instrumentos. Predomina a lógica de classificações determinada pela informática e pela gestão administrativa, combinadas no processo de extração, organização, interpretação e gestão de dados como um todo.

Pêcheux (2011) alerta para os aspectos arbitrários das decisões que constituem uma tabela de categorias, que repousam sempre sobre uma pré-análise selvagem, pois, no momento em que são definidas, já se dispõem de categorias implícitas de leitura para varrer o conjunto do texto. Em suma, é necessário escolher um sistema de leitura que determinará, em seguida, a natureza do código. Os métodos de análise de conteúdo propõem o que o Pêcheux chama de leitura artificial, determinada por operações sistemáticas que envolvem, entre outros procedimentos, extração, contagem e comparação. Busca-se eliminar aspectos embaraçosos, como ambiguidades e deslizamentos, para encontrar espaços logicamente estáveis que se configuram como linguagens de representação. Tais procedimentos, importados das ciências naturais, das tecnologias industriais ou dos dispositivos de controles administrativos, encontra, como vimos, fortes críticas no domínio da análise de discurso materialista, em que as evidências empíricas são postas em xeque a partir da crítica das ideologias. Nesse sentido, Pêcheux adverte que a informática não deve ser utilizada para uma leitura do *corpus* pelo *corpus* mesmo, nem deve ser considerada como “prótese de leitura”, “máquina de lavar texto”, ou “aparelho de raio-X”, nas expressões do autor. Tendo em vista esses questionamentos, a proposta de Orlandi (2003) é uma leitura prismática de arquivo, que é regida pela relação entre o discurso do senso comum, dos especialistas e da elaboração discursiva dos analistas. Tal proposta visa assim intervir na relação do sujeito com o interdiscurso, isto é, com os efeitos no sujeito, do saber discursivo e da memória do dizer.

Segundo Orlandi (2003), é necessário deixar ver a linguagem na política tecnológica do virtual, que se baseia na circulação da informação, na evidência do dado e na informação indistinta dos bytes. A noção de arquivo está na materialidade eletrônica. O discurso possível é aquele que transborda a materialidade eletrônica, constituída na tecnologia da informação, que trabalha a evidência do produto informação e da circulação possível dessa informação, pela língua natural, computacional e para além do trabalho de interpretação. As tecnologias de informação tomam como solução o modelo informacional que funciona de modo normativo no ambiente eletrônico. Nesse contexto, a posição dos produtores das tecnologias é ilimitada em sua interpretação política e pragmática do mundo das informações.

Para compreender os discursos jornalísticos que se apresentam aqui decompostos em uma classificação automática construída pelo próprio software de coleta de dados, é interessante olhar para algumas características das plataformas online, que coordenam papéis na atualidade de dispositivos comunicacionais, tecnológicos e sociais.

Jornalismo na sociedade de plataforma

Para refletir sobre as condições de produção do trabalho e do discurso jornalísticos, é relevante compreender as implicações da plataformização da web (HELMOND, 2015) e da sociedade (VAN DIJCK, 2017a; 2017b). Afinal, as plataformas online são um elemento central na contemporaneidade, e sua imbricação nas dinâmicas sociais força os Estados a repensarem suas estruturas democráticas e de governança (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018). A ubiquidade das plataformas online no século XXI incide de tal modo na vida em sociedade que a própria palavra plataforma se tornou um marcador de diferenciação para práticas, processos e sistemas sociais que se transformaram. “Capitalismo de plataforma”, “turismo de plataforma” e “trabalho de plataforma” são alguns exemplos desse fenômeno que aponta para uma reestruturação de modelos econômicos, culturais e sociais. Até o jornalismo se plataformizou (Bell et al, 2017), significando que a presença jornalística nas plataformas digitais provocou transformações estruturais não apenas em seu modo de distribuição/circulação, mas na organização, na produção e no consumo do trabalho jornalístico e das empresas de mídia.

Bell et al (2017), em uma extensa pesquisa com organizações midiáticas tradicionais e nativas digitais dos Estados Unidos, observaram que plataformas de mídias sociais – como Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, entre outras – tornaram-se editores ou *publishers*, ditando de forma direta o modo de organização dos formatos jornalísticos e o modelo de negócios dessas instituições.

Helmond (2015, p. 1 e 3) define plataforma como um modelo de infraestrutura tecnológica e econômica dominante na web e cujas consequências podem ser percebidas nos contextos sociais e históricos. A autora reflete sobre o momento em que o modelo de operação de plataformas de mídias sociais, como o Facebook, tornou-se paradigmático para toda a internet, estendendo-se para sites e portais cujas finalidades não são necessariamente a construção de redes sociais. Em termos tecnológicos, uma das características da plataformização é a programabilidade, que pode ser compreendida, de modo sintético, como a capacidade de um sistema de ser moldado, programado de acordo com os usos e apropriações de agentes externos a ele com vistas a aperfeiçoar a finalidade da plataforma ou ampliar sua extensão para outras atividades ou finalidades. No cerne desse fundamento tecnológico estão os algoritmos e as *application programming interface* (API), que criam condições para que os usuários – sejam eles sujeitos ou sistemas tecnológicos – possam interagir com os bancos de dados que compõem a plataforma. Conforme Van Dijck, Poell e Wall (2018, p. 9), as APIs das plataformas proporcionam acesso aos dados por terceiros mostrando métricas e comportamentos dos usuários que orientarão novas ações, serviços, aplicações ou plataformas.

Em uma analogia com o jornalismo, a API é o *gatekeeper* ou o curador de uma plataforma, pois define quem tem permissão para acessar seu banco de dados. A API, na perspectiva de Helmond (2015), é o que possibilita a plataformização da web e tem um papel incisivo na descentralização da produção de dados e na centralização da coleta de dados. Analisando as características do Facebook como plataforma, a autora observa que a programabilidade permite, por exemplo, o registro em sites ou em outras plataformas utilizando apenas o login e a senha de acesso ao Facebook. A ação que significa rapidez e

comodidade para o usuário, para a plataforma tem o sentido de descentralização, pois possibilita que o Facebook não fique restrito ao seu próprio aplicativo ou sistema e se espraie pela web. Ao mesmo tempo, a descentralização implica em uma ampliação ou extensão dos tentáculos de coleta de dados do Facebook, que passa a ocupar um lugar cada vez mais central no “ecossistema de plataformas” (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018). Helmond (2015) chama essa dinâmica de dupla lógica da plataforma.

O negócio do Facebook não é apenas a construção de sociabilidade por meio do compartilhamento de informações, mas a elaboração de uma grande base de dados, a verdadeira riqueza das plataformas, que é comercializada de diferentes formas, às custas da privacidade dos indivíduos, alvos da vigilância impetrada pelos algoritmos, que captam e classificam todos os rastros que deixamos nos ambientes online (ZUBOFF, 2018). E o jornalismo contribui para essa acumulação de propriedades na medida em que mantém o ambiente comunicacional das redes sociais aquecido por meio de seus conteúdos. Apesar de o discurso jornalístico não ser prioritário nas redes sociais, pois disputa a atenção de leitores com conteúdos de toda ordem, provenientes de influenciadores, de marcas, de instituições e de sujeitos ordinários, para o jornalismo, seja o tradicional ou o independente, estar nas plataformas de redes sociais é uma questão de sobrevivência simbólica.

Ao mesmo tempo em que desafiam os modelos de negócios das grandes organizações midiáticas, as plataformas de redes sociais se tornam gradativamente indispensáveis para a circulação da produção jornalística – afinal, plataformas como Facebook e Google são a entrada dos leitores para as notícias. “Segundo a Parse.ly, que monitora o mercado editorial, no final de 2016 45% do tráfego de referência para sites de meios de comunicação vinha do Facebook e 31% do Google” (BELL et al, 2017, p. 54-56). No Brasil, de acordo com relatório veiculado pelo Instituto Reuters, em 2021⁴, as pessoas se informam mais pelas redes sociais do que pela TV. Apesar de o número de indivíduos que acessam as notícias pelas redes ter diminuído, em comparação com os resultados da mesma investigação realizada em 2019, o Facebook segue sendo a plataforma mais citada pelos brasileiros como fonte de informação. Daí os arranjos de jornalismo independentes e/ou alternativos manterem perfis nas principais plataformas de redes sociais brasileiras: Twitter e Facebook.

Contudo, nem todos os arranjos praticam jornalismo de plataforma com conteúdos nativos. Bell et al (2017, p. 57) definem conteúdo nativo como “o material hospedado totalmente em plataformas de terceiros”, diferenciando-o da postagem que se caracteriza como um link de acesso cujo intuito é conduzir o leitor até o site do produtor jornalístico; neste segundo caso, as plataformas são um gerador de tráfego para certos portais ou sites.

Algumas pistas sobre as especificidades do trabalho e do discurso jornalísticos performatos pelos arranjos alternativos e/ou independentes nas plataformas podem ser identificadas a partir da leitura dos arquivos de dados coletados pelo software Netlytic. A seguir, apontaremos alguns desses rastros, ainda elementares, mas norteadores da leitura da base de dados que elaboramos para a realização da pesquisa.

⁴ Os resultados do levantamento *Digital News Report 2021* estão disponíveis em: <<https://static.poder360.com.br/2021/06/Digital-News-Report-2021.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Metodologia da pesquisa a partir da ferramenta Netlytic

A pesquisa destinada a compreender que tipo de jornalismo praticam os novos arranjos alternativos e/ou independentes foi iniciada com a discussão do processo metodológico, para que atendesse aos objetivos desenhados. Foi definido que o material discursivo produzido pelos arranjos é a materialidade concreta do resultado de todo o esforço do trabalho verificado durante a investigação realizada entre 2017 e 2018 (FIGARO, 2018).

A primeira decisão metodológica tomada foi o reconhecimento da impossibilidade de observar e coletar a produção jornalística dos arranjos de forma manual, dado o volume de conteúdos publicados. Essa conclusão levou à aquisição dos softwares NVivo e Netlytic. O NVivo é mais adequado para a coleta e a organização do material jornalístico publicado nos sites, sendo utilizado para a pesquisa coletiva realizada pelo CPCT. O manuseio dessa aplicação está descrito no livro organizado por Figaro (2021) e não será aqui tratado por termos centrado nossas reflexões no software Netlytic, responsável pela captura de material postado nas redes sociais de 27 dos 30 arranjos jornalísticos investigados.

O software Nelytic é empregado para o monitoramento e pesquisa em mídias sociais e foi desenvolvido pelo professor Anatoliy Gruzd, da Universidade de Ryerson, no Canadá. Com objetivo de auxiliar pesquisas acadêmicas em mídias sociais, a ferramenta também pode ser usada em apoio a projetos comerciais, segundo diagnóstico publicado no blog do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD) (SILVA, 2016). Na sua versão mais avançada, permite captar até 30 milhões de unidades de conteúdo por ano de fontes diversas, como Twitter, Facebook, YouTube, Instagram, Feeds e Google Drive. No caso do Facebook, são coletados até 25 comentários nos últimos 100 posts em páginas, grupos ou eventos, em requisições que podem ser feitas de hora em hora. Não são coletadas respostas a comentários.

Após a coleta, é possível limpar os textos, removendo palavras específicas e transportar os dados para softwares como o Excel. A análise de dados permite a contagem de palavras mais frequentes e sua frequência ao longo do tempo, o que permite também identificar a relevância dos tópicos e visualizar palavras-chave em contextos. Também é possível realizar classificações automatizadas a partir de categorias inseridas pelo pesquisador ou de categorias padronizadas pelo próprio software, como sentimentos, quantidade, tamanho, tempo. O Nelytic permite ainda a visualização de redes e a elaboração de relatórios com dados sobre frequência de palavras, localização, fonte e análise textual a partir de categorias.

Definido o modo de coleta dos dados, o passo seguinte foi o recorte temático e temporal do material jornalístico produzido pelos arranjos. Decidimos pela temática das eleições porque pressupõe-se que veículos jornalísticos tratem do assunto mais importante para o país nesse momento. Também direcionamos nossa observação e coleta, como já dito, para o período do primeiro turno (01 de outubro a 8 de outubro de 2018) e do segundo turno (22 a 29 de outubro de 2018). Dessa forma, foram coletadas postagens realizadas pelos 27 arranjos que integram o universo da pesquisa nas redes Facebook e Twitter. Como restringimos nosso olhar aos conteúdos provenientes apenas da coleta do Facebook, trabalhamos, aqui, com 54 tabelas de Excel, com volumes de dados variados, que vão desde tabelas com dezenas de unidades a outras com mais de 10 mil unidades.

Os dados utilizados e selecionados para este artigo foram coletados a partir de várias etapas. A primeira consistiu em uma observação das tabelas brutas, sem intervenção do analista humano – apesar de ela já ter passado pela organização e pela categorização automática realizada pelo próprio software –, momento em que pudemos identificar quais categorias elencadas pelo Netlytic interessavam aos objetivos e às reflexões aqui desenhadas. A segunda etapa consistiu na limpeza dos dados com auxílio do Excel. Das 14 categorias apresentadas, optamos por trabalhar com seis (data e hora de publicação, autoria, título, descrição, tipo e contagem de likes). A partir delas, elaboramos novas tabelas, selecionando apenas postagens de autoria atribuída aos arranjos, descartando os comentários. Também incluímos a categoria “palavras-chaves” a partir da observação de títulos e descrições das postagens. Assim, elencamos algumas hipóteses e inferências sobre o trabalho e o discurso jornalísticos dos arranjos alternativos e/ou independentes, com destaque para periodicidade, visibilidade, sensibilidade ao tema eleições e uso da plataforma.

Rastreando o trabalho e o discurso jornalísticos

O primeiro nível de interpretação sobre o discurso dos arranjos econômicos alternativos e/ou independentes refere-se aos dados extraídos e compilados pelo Netlytic a partir das categorias determinadas pelo software. Essa leitura de cientistas, tal como aborda Pêcheux (2011), é quantitativa e indicativa apenas do modo como os arranjos tornam visíveis sua produção. Informações verbais extraídas pelo software, como título e resumo das matérias postadas, permitem avaliar o conteúdo das reportagens. Neste caso, é possível compreender a sensibilidade do grupo de 27 arranjos pesquisados ao tema das eleições de 2018.

O primeiro aspecto a ser observado é como tais arranjos alimentam a circulação de notícias. Lembremos que a circulação discursiva é determinante para a compreensão do funcionamento das mídias digitais. Fazer o discurso circular, movimentando os sentidos nos espaços definidos na plataforma, é condição para que os sentidos se definam em relação às muitas vozes que podem ser mapeadas e identificadas na rede. Como explica Dias (2015), na discursividade da rede, os sentidos são atualizados no momento de sua circulação. Mídia Ninja e Jornalistas Livres são os arranjos que mais fazem suas mensagens circular, em formatos de vídeos, fotos e links. Essas posições se mantêm tanto no período do primeiro quanto no do segundo turno. Entre os que mais publicam, também podemos incluir Nexô Jornal, Viomundo, Opera Mundi e B9, com mais de 500 publicações no primeiro turno. No segundo turno, agrega-se a esse grupo o Justificando.

Em nível intermediário, podemos situar Agência Pública, Justificando e Outras Palavras, com mais de 200 publicações no primeiro turno. No segundo turno, observa-se a mesma posição entre os arranjos que mais publicam. Os demais, tanto no primeiro quanto no segundo turno, apresentam menos de 100 publicações.

Tabela 1. Dados do Facebook

Arranjo	Primeiro turno (01/09 a 08/10/2018)					Segundo turno (22 a 29/10/2018)				
	Total de publicações	Só do arranjo	Vídeos	Fotos	Links	Total de publicações	Só do arranjo	Vídeos	Fotos	Links
Mídia Ninja	13353	625	3965	7739	1304	32110	981	235	482	711
Jornalistas Livres	12689	546	256	173	96	28796	1062	524	384	119
Nexo Jornal	1458	116	31	42	1222	1445	115	26	72	1295
Viomundo	986	56	193	0	776	1157	84	96	0	1042
Ópera Mundi	761	86	80	29	634	954	81	96	71	711
B9	583	51	0	1	562	796	79	0	0	79
Agência Pública	475	29	4	1	473	363	49	0	0	49
Justificando	260	130	0	0	130	336	33	0	1	31
Outras Palavras	249	34	118	23	113	293	38	169	0	123
Revista AzMina	87	8	51	8	12	62	14	4	9	2
Mães de Peito	40	7	0	9	31	61	10	2	8	0
Nós, Mulheres da Periferia	36	17	17	3	16	53	6	1	24	26
Mobilize Brasil	31	18	1	10	19	47	30	26	13	7
Lado M	23	22	0	1	23	36	23	1	14	20
Periferia em Movimento	22	20	3	0	20	28	6	1	0	27
Pressenza	18	16	0	5	5	26	15	3	8	15
Think Olga	18	1	3	12	2	24	23	0	3	4
O Novelo	17	10	0	6	6	24	13	3	6	4
Envolverde	16	15	2	5	9	18	17	3	9	6
Énóis	14	7	0	2	5	9	5	1	1	7
Central 3	10	10	3	6	1	5	5	3	0	2
Sound Like Us	9	5	0	5	5	4	3	4	0	4
Volta Data Lab	8	6	0	0	8	4	4	0	0	4
Migramundo	7	6	1	0	10	4	4	0	0	4
Democratize	5	3	3	0	0	2	1	0	0	2
Ciranda Internacional	2	2	0	0	2	1	0	1	0	0
Vozes da Periferia	1	1	0	1	1	1	1	0	0	4

Fonte: Elaboração dos autores.

Pêcheux (1997) explica que o processo de produção discursiva depende de mecanismos formais que se dão na ordem da língua e referem-se a dimensões semânticas, retóricas e pragmáticas e de circunstâncias dadas, que incluem os contextos sócio-históricos e ideológicos. Ao considerarmos os dados como parte do processo discursivo que se produz na leitura do arquivo, podemos perceber que eles indicam a capacidade produtiva dos arranjos num momento de intensa produção e circulação noticiosa no espaço brasileiro. Eles remetem a uma produção discursiva determinada tanto pela base tecnológica das plataformas quanto pela captura dos dados via softwares, que os torna visíveis. Ao comparar os dados entre si, podemos inferir que os grupos de arranjos acima mencionados têm mais condições, seja do ponto de vista de sua estrutura, seja do ponto de vista da organização do trabalho, de fazer frente à produção de notícias exigida no momento. Suas condições

de produção são assim mais adequadas para atender a uma demanda por informação e atualização constante de sentidos via circulação de discursos. Nesse sentido, os dados referentes à produção são um indício da forma como os arranjos trabalham e permitem organizá-los a partir de uma lógica de produtividade, que atende aos ditames do sistema de produção capitalista e aos anseios das plataformas digitais, em particular.

Na leitura desse arquivo, observa-se ainda que, entre os arranjos que mais produziram nos períodos observados, há uma intensificação das publicações no segundo turno, momento em que a polarização do eleitorado se torna mais explícita e em que a campanha presidencial chega à reta final. A julgar pelos resultados obtidos, é possível dividir os arranjos em três grupos.

O primeiro deles corresponde aos que mais publicam e que parecem manter uma produção regular de notícias: Mídia Ninja, Jornalistas Livres, Nexo Jornal, Viomundo, Opera Mundi, B9 Agência Pública, Justificando e Outras Palavras. Neste grupo, parece haver mais condições de produção periódica de notícias e perfis editoriais mais abertos à discussão sobre as eleições.

Numa segunda categoria, que inclui Revista AzMina, Mães de Peito, Nós Mulheres da Periferia, Mobilize Brasil, Lado M, Periferia em Movimento, Pressenza, Think Olga, O Novelo, Envolverde, É Nós e Central 3, temos arranjos de menor porte e com temas mais especializados, que respondem, dentro de suas possibilidades e a partir do seu eixo de interesses, ao agendamento da campanha eleitoral.

O terceiro grupo, composto por Sound Like Us, Volt Data Lab, Migramundo, Democratize, Ciranda Internacional e Vozes da Periferia, é o dos que têm menor intensidade em publicações nos dois períodos, quer por conta de seu perfil editorial, quer pelas condições de trabalho.

Outro aspecto que chama a atenção é a capacidade dos arranjos de produzirem materiais em suportes variados. Neste quesito, podemos observar que o uso de fotos, vídeos e links é mais uniforme nos arranjos que mais publicam conteúdo, ou seja, Mídia Ninja e Jornalistas Livres. Nexo Jornal, Viomundo, Opera Mundi e Outras Palavras também conseguem difundir o conteúdo que produzem em suportes variados, mas com menos intensidade e, por vezes, não se utilizando de algum deles. A partir desses dados, é possível pensar em um trabalho mais especializado entre os que mais se utilizam desses recursos, a julgar os períodos analisados. Nos demais arranjos, a utilização dos recursos possíveis mapeados pelo Netlytic é irregular, com predomínio de links. A produção de fotos e vídeos, que exigem por vezes a utilização de mais recursos e tempo de produção, nem sempre é realizada. Desse modo, o trato com os suportes variados de mídia se concentra entre os arranjos que parecem estar mais estruturados para a produção diária de notícias.

Os tipos de suportes utilizados também dão pistas sobre a natureza da produção jornalística dos arranjos, se nativa, ou seja, produzida exclusivamente na ou para a plataforma de rede social, ou se não-nativa, caracterizada como a publicação de links para os sites oficiais. As fotos, os vídeos e a atualização de *status* podem configurar conteúdos nativos, pois indicam que o arranjo carregou os conteúdos diretamente na plataforma, por meio da ferramenta “foto/vídeo” disponível na *timeline* do Facebook. Já os links correspondem a produções editoriais externas que são compartilhadas diretamente do site. É

importante lembrar que essa possibilidade de compartilhamento direto para a rede é uma das benesses da programabilidade das plataformas, indicativa da plataformização da web, e denota a construção de um interdiscurso entre o site do arranjo e seu perfil na plataforma, por meio da hipertextualidade, uma característica essencial do jornalismo na internet, assim como é a interatividade (MIELNICZUK, 2003).

A Agência Pública, por exemplo, postou apenas um conteúdo nativo. As demais postagens tratava-se de links para o site. Já os Jornalistas Livres elaboraram mais conteúdos nativos. Essa preferência se explica pelo imediatismo que caracteriza o trabalho do arranjo, com coberturas ao vivo realizadas por meio de *lives*, que avolumam mais a já intensa rotina de cobertura no período eleitoral. É relevante mencionar que o Facebook incentivou a produção de conteúdos nativos disponibilizando a ferramenta Instant Articles para a criação de publicações em formatos que podem ser lidos diretamente na plataforma. Mais do que assumir o papel de *publisher*, por meio dessa ação, o Facebook intenta manter a audiência dentro da plataforma.

Outra inferência possível a partir dos dados coletados via Netlytic diz respeito à visibilidade. O caso dos Jornalistas Livres, com 1.627 postagens nas semanas analisadas, denota um esforço para alcançar visibilidade dentro da própria plataforma, a despeito da opacidade dos algoritmos. Durante o primeiro turno eleitoral, as publicações do arranjo chegaram a ultrapassar 2.500 curtidas. No segundo turno, a postagem do arranjo que obteve melhor performance de visibilidade capitalizou 3.072 curtidas.

É preciso ressaltar ainda que a visibilidade sempre foi uma preocupação do negócio jornalístico, ficando a cargo dos setores comerciais nas corporações tradicionais. No jornalismo de plataforma, a gestão da visibilidade é realizada também pelos jornalistas, principalmente no caso dos arranjos, em que há polivalência de funções entre os jornalistas/comunicadores, fazendo com que estes sejam produtores de notícias e, ao mesmo tempo, curadores de outras informações.

Os arranjos preocupados em manter a visibilidade de sua produção investem não apenas em conteúdos jornalísticos, mas debatem com os usuários, por meio dos comentários, e compartilham conteúdos de outros arranjos ou usuários, como forma de manter em circulação os discursos e as vozes selecionados. Deste modo, eles manejam a interdiscursividade (FIORIN, 1998) inerente ao ambiente comunicacional das plataformas de mídias sociais, e dão vazão à polifonia (BRAIT, 2008) que emerge dos comentários, dois conceitos-chave para a compreensão da ordem do discurso (FOUCAULT, 2012) nas plataformas de mídias sociais e que, se tensionados pelo modelo de negócios e pela dinâmica do capital, podem transformar o jornalismo em um discurso híbrido atravessado por outros formatos, estilos, gêneros e objetivos.

Considerações finais

Esta breve reflexão tocou apenas na superfície dos dilemas relativos à dependência das plataformas de mídias sociais para a circulação da produção jornalística e à pesquisa sobre o trabalho e o discurso jornalísticos por meio de arquivos digitais. A intenção do estudo realizado pelo CPCT-ECA-USP é compreender o discurso jornalístico dos arranjos alternativos e/ou independentes de forma a identificar não só os sentidos emanados pelos

discursos noticiosos, mas o lugar desses agentes na sociedade de plataforma, e a verificar como estes tensionam os valores jornalísticos e democráticos contra as lógicas das plataformas de tecnologia que geram valores a partir da exploração de dados.

Para alcançar esses objetivos é necessário ir além do aspecto quantitativo dos dados, ou seja, é fundamental escapar da ideologia do “dataísmo” (VAN DIJCK, 2017b), que exalta a objetividade e a neutralidade dos dados, percebendo assim os fenômenos sociais apenas sob o prisma da quantificação. A ruptura com esse pensamento é uma postura que os(as) pesquisadores(as) identificam como essencial para se evitar a falácia de um pensamento causal simplista que atualiza o positivismo sob a perspectiva do Big Data.

A constituição de um arquivo sobre a produção digital de notícias dos arranjos econômicos alternativos e/ou independentes às corporações de mídia no período das eleições de 2018 nos impõe questões acerca do trabalho que se estrutura nesses arranjos. Vimos que é impossível dissociar a produção em plataformas digitais, cujo funcionamento descrito aponta para os modos de significação, em que a produção de dados, que possam ser convertidos e analisados numericamente, se torna um imperativo para a produção de notícias. A capacidade de se organizar a produção, para que a visibilidade e a produção de dados possam ser rastreadas, classificadas e interpretadas, torna-se, assim, uma condição sobrevivência jornalística. A maior ou menor produção de dados parece ser um indício da assimilação desses arranjos às formas do capitalismo atual.

A análise possível dessa produção deve passar necessariamente pela observação dos dados que são extraídos e classificados automaticamente pelos softwares, que servem à pesquisa e ao mercado. A leitura dos cientistas, na expressão de Pêcheux, torna-se determinante. No entanto, é necessário restituir a opacidade dos dados e produzir questionamentos sobre as formas de ler e as categorias que funcionam como pré-construído da leitura e da interpretação, recuperando as condições de produção que determinam tanto o processo discursivo dos arranjos jornalísticos quanto aquelas que se manifestam na extração dos dados realizadas pelos softwares. As formas de sujeição que incidem sobre a produção jornalística e sobre a própria pesquisa devem ser observadas e colocadas em análise. O trabalho jornalístico não se restringe à produção de notícias, mas a uma circulação intensa de dados que alimenta as plataformas digitais. A ordem do discurso digital incide no modo como os arranjos buscam organizar sua produção. A facilidade de uso dos meios de produção amplia a base produtiva e a circulação de dados. Nesse regime produtivo, as formas simbólicas são quantificadas e mapeadas em função de classificações que atendem à ordem discursiva digital, cuja tradução numérica nos impõe formas de ler e interpretar, esquecimentos e apagamentos, sobretudo do sujeito trabalhador.

Referências

BELL, Emily et al. A imprensa nas plataformas. Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. *Revista de Jornalismo ESPM*, São Paulo, n. 20, ano 6, p. 01-37, jul./dez. 2017.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos- chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais na perspectiva da teoria ator-rede. *Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 682-704, set./dez. 2012.

DIAS, Cristina. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.

_____. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e constituição do corpus. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, set./dez. 2015.

FIGARO, Roseli (Org.). *Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*. São Paulo: ECA-USP, Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

_____. (Org.). *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2012.

GALLO, Solange; SCHMITT, Giovana; SOUZA, Catarina de. Ler o arquivo hoje. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 251-256.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. In: GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. *Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2016. p.115-140.

HELMOND, Anne. The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. *Social Media + Society*, v. 1, n. 2, p. 1-11, jul./dez. 2015,

MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. 2003. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. São Paulo: Laburb Unicamp, 2003. p. 7-20.

PAVEAU, Marie-Anne. *Les énoncés natifs du web: analyse du discours des réseaux sociaux numériques (Twitter, Facebook, Pinterest)*. Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em: <<https://acortar.link/5lm6HO>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de discurso*. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-105.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1994. p. 55-56.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. De areia e de silício: as tramas do discurso no livro eletrônico. *Éspeculo – Revista de Estudos Literários*, Madrid, ano 10, n. 31, 2005. Disponível em: <<https://acortar.link/NVCRbY>>. Acesso em 24: jul. 2019.

_____.; BENEDETTI, Cláudia Regina. A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 22, n. 49, p. 1-12, 2008.

SILVA, Tarcizio. Como monitorar mídias sociais com a Netlytic. *IBPAD*, 13 maio 2016. Disponível em: <<https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/como-monitorar-midias-sociais-com-a-netlytic/>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. BRUNO, Fernanda et al (Orgs.). *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 18-45.

VAN DIJCK, José. Faces da conectividade: plataformas, influência e usuários. Entrevista concedida a Isadora Camargo e Carolina Terra. *Parágrafo*, São Paulo, v. 5, n. 1, jan./jun. 2017a.

_____. Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. *MATRIZES*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 39-59, jan./abr. 2017b.

_____.; POELL, Thomas; WAAL, Martijn. *The platform society*. New York: Oxford University, 2018.

Cláudia Nonato

Pós-doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Vice coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) e editora executiva da revista *Comunicação & Educação*, ambos baseados na ECA/USP.

Fernando Felício Pachi Filho

Realizou estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor da Faculdade Engenheiro Salvador Arena (FESA). Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Naiana Rodrigues da Silva

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), também da ECA-USP. Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC).